A Família na Atualidade: Adequação dos Recursos Terapêuticos e Valores do Terapeuta

Maria Rita D'Angelo Seixas¹

Resumo

O novo paradigma sistêmico torna a sociedade menos preconceituosa, mas dificulta a eleição de uma escala de valores que pode levar à impunidade. A situação pós-moderna é de crise social de verdades e valores. A família como instituição social passa por transformações desenvolvendo novas formas e significados, mas perdendo em consenso e pertinência. Surge a necessidade do terapeuta familiar, "crítico da ideologia familiar", que promove mudanças e co-constrói alternativas com a família. Difícil missão, por ele próprio estar envolvido na crise de valores. Nagy (1998) e Moreno (1970) oferecem recursos técnicos que possibilitam o trabalho terapêutico, com valores familiares, sem contaminação com a ética do terapeuta. Nova proposta social de uma "ética renovada".

Palavras-chave: valores familiares; terapia familiar; ética.

The Suitability of Therapeutical Resources and the Therapist's Values

Abstract

The new systemic paradigm makes the society less prejudicing, but it makes difficult the election of a scale of values, which may lead to impunity. The post-modern situation is of a social crisis concerning truths and values. The family as social institution has been through transformations, having developed new ways and significances, however losing consensus and pertinence. There arises the need of a Family Therapist, "critic of the family

¹ Profª Drª Maria Rita D'Angelo Seixas. Psicóloga, Psicodramatista, Terapeuta Comunitária, Terapeuta Familiar, Doutora em Psicologia Clínica - PUC/SP. Coordenadora do curso de Terapia Familiar em Hospital / UNIFESP - Escola Paulista de Medicina, Coordenadora da Escola de Sociodrama Familiar Sistêmico, Coordenadora dos Conselhos Diretivo e Científico da ABRATECOM e ABRATEF, Conselheira da Escola de Pais do Brasil. Autora do livro Sociodrama Familiar Sistêmico e de vários capítulos de livros e artigos publicados

ideology”, who promotes and co-builds alternatives together with the family. But how to do that, once involved in a social crisis of values? Nagy (1998) and Moreno (1970) offer technical resources that enable the therapeutic work with family values, without directivity or contamination with the therapist’s ethics. A new social proposal for “renewed ethics”.

Keywords: family values; family therapy; ethics.

Introdução

Existem períodos na história da humanidade que se caracterizam pela mudança e que são acompanhados por grandes crises mundiais e multidimensionais, que afetam todos os aspectos de nossa vida. São crises de dimensões intelectuais, morais e espirituais que abrangem e atingem a economia, política, saúde, meio ambiente, etc. Acarretam problemas que são a nosso ver sistêmicos, ou seja, estão intrinsecamente interligados e são interdependentes.

Soluções serão encontradas, segundo Capra (1982), quando a estrutura da própria teia for mudada, o que envolve transformações profundas em nossas instituições sociais, em nossos valores e ideais.

Etapas de transformação como estas são essenciais para o desenvolvimento da humanidade e tudo indica que estejamos passando por uma delas. Há quem já fale em *Era Pós-moderna*.

Uma das transições mais importantes pelas quais estamos passando, está relacionada com os valores sociais. Capra (1982) a chama de “*mudança de paradigma*” – “uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores, que formam uma determinada visão da realidade” (p. 28). Para este autor, o paradigma que estamos deixando para trás é a crença de que o método científico é a única abordagem válida de conhecimento; o universo é composto de unidades materiais elementares (um sistema mecânico); a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência e a crença de um progresso material ilimitado a ser alcançado a qualquer preço.

A predominância do pensamento racional que é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto e procura – discriminar, medir, classificar. O conhecimento racional tende a ser fragmentado.

O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não-intelectiva da realidade em decorrência da ampliação do estudo de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não-linear. É a base de uma atividade ecológica e de um pensamento sistêmico que nos leva a uma visão complexa da realidade e é próprio do novo paradigma.

A consciência de uma complexidade crescente de perspectivas para cada fato abole a visão linear, dificulta uma atitude julgadora do certo e errado e, conseqüentemente, impossibilita a existência de uma única verdade. Se isto traz vantagem, porque torna a sociedade menos julgadora, preconceituosa e mais capaz de conviver com diferenças, por outro lado dificulta a eleição de uma escala de valores que pode ajudar a impunidade.

Surge a epistemologia construtivista que questiona os conceitos de objetividade, realidade e verdade como fundamentos da nova visão de mundo.

Cada um apreende apenas um aspecto da realidade, dependendo da sua fisiologia perceptiva e de sua história, que selecionam estes aspectos.

A verdade e realidade de cada um estão apoiadas em uma construção social e consensual que guia os construtores.

O construtivismo sustenta que vivemos em um mundo, produzido por interações lingüísticas e que compreendemos este mundo, a partir de histórias ou descrições que evoluem e discursos segundo os quais organizamos e damos significado à nossa experiência. O significado é construído por ação e diálogo e a inter-relação humana é produto de uma interação no campo lingüístico. Isto nos faz crer que toda realidade é uma co-construção social. O mundo em que vivemos (não o mundo tal qual é) é definido através das descrições que fazemos de nossa experiência.

Assim como coordenamos nossas ações, nossas ações se coordenam com ações de outros seres humanos, que fazem descrições como nós. A linguagem não reflete a natureza, ela é o resultado de acoplamentos estruturais lingüísticos com aqueles com quem estamos em contato.

Depreendemos daí que os homens não conhecem a essência da natureza. O que fazem é desenvolver uma intrincada trama de significados e atuar como se fossem verdadeiros.

Como não podemos validar nossas concepções como verdadeiras, porque a realidade está "fora" e é independente do observador e inacessível à experiência humana, o que temos que fazer é assumir a responsabilidade de como construímos esta realidade e das conseqüências deste modo de construir.

A situação pós-moderna é, portanto, uma situação de crise. Crise de nossas verdades, de nossos valores, das crenças que mais apreciamos.

Como é possível sustentar a crença em uma única verdade objetiva, frente à multiplicidade de pontos de vista sobre cada coisa? Assim, as pretensões de verdade passam a ser construções de comunidades que criam valores, interesses e estilos de vida particulares e através da linguagem, emprestam significado aos fatos.

Diante deste estado de coisas a construção conjunta passa a ser um objetivo perseguido. A partir desta situação passam a existir n possíveis formas para cada instituição.

A família e a terapia familiar

A família como instituição social não foge à regra e desenvolve a capacidade de criar novos significados, novas formas de ação social, novas idéias. Esta capacidade de mudar tanto quanto a de conservar e a dialética entre elas é que vai possibilitar a sua adaptabilidade.

Por outro lado, quando a conseqüência entre o paradigma da família e sua ação social diminui, esta se desorganiza. Os membros começam a questionar o sistema, desde as idéias até as relações familiares. A família ganha uma possibilidade de criar algo novo, mas perde em pertinência. Há perda de consenso e a família não funciona mais implicitamente.

Há aí a necessidade de intervenções (terapêuticas, provavelmente) que procurem facilitar a organização de interações e premissas que consiga recuperar o consenso familiar e levá-la a uma reorganização.

Discutiremos neste artigo, se e *como* o terapeuta familiar poderá trabalhando com os valores familiares, produzir modificações significativas no sistema familiar.

São muitos os autores que consideram as famílias como matrizes de identidade (Minuchin, 1990; Moreno, 1970; Poster, 1979). Estas matrizes podem ser mais ou menos rígidas, mas sempre são matrizes que, através de um processo de co-participação, co-ação e co-construção, vão desenvolvendo a personalidade de seus membros à medida que transmitem valores, mitos, crenças e ideologias através de gerações.

Sabemos, contudo, que não é sempre que as famílias conseguem formar estruturas de personalidades bem desenvolvidas e constituir padrões relacionais funcionais. Surge aí a necessidade do terapeuta de família, que vai atuar de diferentes formas, conforme a concepção teórica que adota.

A visão da família como *locus* socialmente definido, no qual se forma a estrutura da personalidade que se torna socialmente relevante, dá ao psicoterapeuta familiar, uma posição privilegiada *de crítico da ideologia familiar* (mais ou menos diretivo, conforme a linha terapêutica que abraçar) e transformador social.

Sendo a família uma unidade social básica em interações e trocas constantes com o exterior, é evidente que reflete o social e entra em crise junto com ele sem, necessariamente, refletir o *status quo*. Muitas vezes transforma-se em centro de questionamento, favorecendo as mudanças ide-

ológicas e sociais dos jovens.

O mesmo acontece com o terapeuta que está inserido no social, com o qual partilha um processo de influência mútua.

O papel do terapeuta familiar é propiciar mudanças de significado e ou estruturas nas famílias, possibilitando o reaparecimento da espontaneidade e criatividade de seus membros, que estavam inibidos por rígidos padrões relacionais. Esta maior liberdade relacional favorece o desenvolvimento de identidades interagentes e atingir novos consensos.

Cabe ao Terapeuta Familiar conseguir a emancipação de cada membro da família através da mudança de sua teia relacional.

Não para que as pessoas se desliguem das suas famílias, mas para que, recuperando sua espontaneidade, sejam capazes de encontrar novos consensos diferentes dos anteriores.

O terapeuta familiar – crítico da ideologia familiar?

Como – estando o próprio terapeuta envolvido pela crise social e tendo seus valores abalados pela mesma – pode ajudar famílias em crises de valores?

Principalmente, como proceder quando os valores da família que atende são muito diferentes dos seus?

É o terapeuta familiar um terapeuta de valores? Muitos autores pensam que sim. Dentre eles, um dos maiores defensores desta idéia é Boszormenyi-Nagy (1973).

Nagy (1973), criador da terapia contextual, diz que o objetivo da terapia familiar deve ser o de permitir a cada componente do sistema o acesso a uma autonomia real. Esta autonomia é inseparável da capacidade de cada um assumir suas parcelas de responsabilidade, no que se refere às relações e procurar perceber as necessidades dos demais.

É a dimensão da ética relacional que permite a integração familiar e abre campo para a intervenção terapêutica. Esta ética consiste em cada um preocupar-se em saber como o seu comportamento vai atingir os demais membros da família.

O cimento de toda relação próxima é o respeito ao princípio de equidade e reciprocidade e toda terapia deve fundamentar-se na *ética relacional*. Todo princípio de justiça e injustiça deve ser o centro de preocupação da terapia.

O contrato terapêutico se estabelece de acordo com a definição da mudança desejada. Quando os membros de uma família vêm à consulta, presos em uma situação de conflito em que cada um pede um tipo de ajuda

específico, como poderá o terapeuta responder a pedidos tão contraditórios? Terá que assumir uma posição de juiz e dizer o que é certo ou errado? Como fazer isto diante de um mundo pós-moderno que defende o subjetivismo?

O terapeuta utiliza-se de uma estratégia específica que é a *parcialidade multidirecional* que permitirá o estabelecimento de um contrato multidirecional que levará em conta o interesse de todo aquele que possa vir a ser afetado pela intervenção do terapeuta. Como fazer isto sendo um observador neutro?

A parcialidade multigeracional é uma estratégia pela qual o terapeuta convida cada um dos membros da família a definir sua posição e a se aperceber das implicações que esta traz para os demais, por meio de *um diálogo interpessoal*, que permita a cada uma das partes presentes definir e validar sua posição.

O terapeuta é empático e compreensivo com cada um. Sua atitude servirá de modelo para os membros da família, até que possam manter uma atitude similar de respeito uns com os outros e de disponibilidade para entender o ponto de vista alheio.

O objetivo terapêutico, em uma situação de conflito, será o de restabelecer uma possibilidade de confiança entre aqueles que participam da relação.

O fato de o terapeuta dirigir-se seqüencialmente a cada membro da família para poder descobrir a parcela de vulnerabilidade, ou, ao contrário, de responsabilidade que cada um possui em relação aos demais, facilita a reestruturação das relações. A oportunidade que, através da fala de cada um, é dada aos outros de entender como cada um percebe a realidade de forma diferente dele e a possibilidade de cada pessoa perceber como sua visão afeta os demais, também são instrumentos de re-equilíbrio do sistema.

Desta forma o terapeuta, sem se afastar de uma visão construtivista, pode ser ético e ajudar as pessoas a mudarem sua ética, apenas levando em consideração que a identidade de uma pessoa é inseparável do seu contraponto, o outro. Tanto a autonomia quanto a individuação só serão alcançadas através ou por intermédio da relação. Quando as pessoas conseguem perceber isto, a confiança mútua se restabelece.

A partir da concepção de Nagy (1998), mesmo que o terapeuta não seja seu seguidor, fica fácil ver como o terapeuta de família é um terapeuta de valores e tem que considerar a ética relacional das famílias.

Nagy (1998) nos dá um exemplo de como fazer isto, respeitando a forma como cada um vê a realidade, apenas fazendo-os discutirem, como esta forma afeta o outro, sem precisar estar dando lições de moral ou impondo seus valores.

O terapeuta familiar lidando com valores trabalha com a ética sem ser moralista. Entendendo-se por ética o conjunto dinâmico consensual de valores que influenciam os procedimentos dos indivíduos dentro da família. O terapeuta procura restaurar um consenso de valores, mas não dita regras de conduta.

O sociodramatista familiar pode fazer o mesmo? Com que recursos?

Moreno (1970) (fundador do psicodrama), apesar da época em que lançou sua teoria, é bastante pós-moderno na cosmovisão que embasa sua obra.

Para Moreno (1970), o homem é um ser cósmico, responsável por todo o Universo e uma terapia só tem sentido enquanto se dirigir e preocupar-se com o conjunto da humanidade. Entende a humanidade como uma unidade e as tendências surgidas de parte deste todo produzem, ora distanciamento, ora aproximação.

O Universo, para ele, é um todo relacional e está em contínuo desenvolvimento. O homem ao nascer encontra um universo que milhões de companheiros ajudaram Deus a criar e ele mesmo, participará da criação do porvir. Deus está oculto e adormecido em cada homem o que pode ajudá-lo a criar. Para que isto aconteça, contudo, o homem não pode se deixar engolir pelo consumismo, pela ciência ou por qualquer padrão repetitivo que impeça sua criatividade.

Para que o Homem possa participar com Deus da co-criação universal, é preciso que recupere sua espontaneidade.

Para o Sociodrama Sistêmico que adotamos, todos os homens são ao mesmo tempo causa e efeito do *Meta Sistema Universal*. O homem mediante sua espontaneidade pode emprestar ao Universo um *significado* próprio e colaborar em sua co-criação.

Para ser espontâneo, o homem tem que dar respostas novas e adequadas às perguntas que se lhe propõem. As palavras são reflexões e reverberações de uma voz presente que está falando e é possível ouvi-la através do Universo. Mas, apesar de cada palavra se repetir um número indefinido de vezes, só foi criativa a primeira vez que foi dita. Existem momentos de criatividade nos quais os atos criativos parecem ultrapassar qualquer origem pessoal humana. São os momentos espontâneos. Entendemos que a história é criada por estes momentos transformadores, que são atingidos através da ação, que permite o fluir da criatividade humana, pelo desbloqueio da espontaneidade. O homem só se realiza ao desenvolver seus papéis psicodramáticos (produto da elaboração pessoal). Necessita dar respostas novas que produzem mudanças em seu contexto vital e de relações.

Não se deve, contudo, considerar espontaneidade igual à impulsividade.

A resposta para ser espontâneo deve ser adequada no sentido de ser uma resposta nova e criativa às solicitações do meio, que produzam mudanças em seu contexto vital e relacional. É a resposta criativa para situações insatisfatórias oriundas da própria pessoa ou do meio.

Dentro de uma concepção relacional e holística do social, para o sociodrama, todos os homens são, simultaneamente, causas e efeitos da obtenção dos objetivos ou resultados do meta sistema, pela interdependência dos seus elementos e necessidades das relações entre as pessoas.

O homem espontâneo é o que encontra uma resposta que interrompa a recursividade. Além disto, o sociodrama postula que o sistema familiar é implicitamente dependente de outros sistemas, uma vez que um sistema aberto depende – para sua existência – de trocas com o exterior e interior. Daí a necessidade de um Terapeuta Familiar espontâneo, ajudar a quebrar esta recursividade buscando através das técnicas de ação, novas formas de libertar o sistema dos padrões considerados disfuncionais pela família e ajudá-la a descobrir novos significados para as relações.

Não se entende um psicodramatista, que não trabalhe para o desenvolvimento da espontaneidade do sujeito, ou de alguma forma interfira nela.

Da mesma forma é inaceitável a posição de um Terapeuta de Família, que interfira na família impondo suas verdades, valores e ideais. O máximo que ele poderá fazer é buscar consenso ético nesta família.

As técnicas de ação são grandes auxiliares para a não diretividade do terapeuta porque:

- Os subsistemas individuais se exteriorizam através de papéis. O interjogo destes papéis na dramatização expressa a sociometria grupal, oferecendo uma visão global do problema sem necessitar a intervenção direta do terapeuta.

- A concretização dos papéis no cenário e a sua vivência integrada promovem uma releitura em conjunto do *drama* familiar, uma possibilidade de co-construção da realidade vivida pela família.

- O desempenho no contexto dramático afrouxa as tensões intersistêmicas permitindo que afluam com mais facilidade.

- A circularidade repetitiva ou recursiva que leva à insatisfação encontra na dramatização uma oportunidade de inovação e treinamento de novo ajuste mais flexível com maior rapidez do que apenas no verbal.

- Esta mesma rapidez de mudança é acelerada pela possibilidade de se trabalhar, às vezes, em uma mesma sessão, cenas presentes, passadas e futuras, chegando-se à origem do problema e à sua projeção no futuro.

O papel do terapeuta familiar sociodramatista

O papel do terapeuta no Sociodrama Sistêmico aproxima-se do construtivista. Não estabelece metas para o conteúdo de mudanças.

O terapeuta procede a uma pesquisa participativa, que produz transformações, porque clarifica para todos o papel e posicionamento de cada um na família, levando-a mais facilmente a uma percepção consensual dos problemas.

O terapeuta não só conduz a conversação, como participa e ao mesmo tempo dirige o *drama* que a família vive em atos e palavras, facilitando a mudança do significado de sua história.

Os membros de uma família estão interrelacionados porque seus estados inconscientes estão interligados, por uma rede ou sistema de estados co-inconscientes, que desempenham papel muito importante na vida das pessoas que compõem o sistema familiar. “Estes estados são aqueles que os participantes experimentaram e produziram conjuntamente e, por conseguinte só podem ser reproduzidos ou representados em conjunto” (Moreno, 1972, p. 30-31).

O terapeuta familiar deve, portanto, através de técnicas dramáticas procurar manifestar a *intersíquica* de todo o grupo na representação, exteriorizando suas relações e seus estados co-conscientes e co-inconscientes. Desta forma atingirá com mais facilidade o objetivo da terapia, que é a *Catarse de Integração* (através da discussão e vivência conjunta do problema, chega-se a uma releitura da história familiar). “A catarse de integração é engendrada pela visão de um novo Universo e pela possibilidade de um novo crescimento” (Moreno *in* Bermudez, 1980).

Esta possibilidade de novo crescimento aparece devido à abertura pela dramatização de novos caminhos a serem percorridos, que geram alternativas de mudança.

A *Catarse de Integração* não é constante em todas as sessões, mas ocorre em períodos nos quais se rompem estereótipos e resolvem conflitos comunicacionais. Estes momentos são precedidos por um clima forte de tensão nas dramatizações, como se todos esperassem as palavras, atos e soluções inesperados, que os fizessem artífices de sua própria mudança. Como a catarse é o resultado de um processo de trabalho em conjunto, ela é partilhada por todos, por ser de responsabilidade conjunta. O clima da catarse é caracterizado por realizações criativas e espontâneas, que surpreendem, liberam tensões e direcionam ao Encontro, momento de mútua disponibilidade entre as pessoas, que se tornam capazes - através de interações positivas -, de se colocarem com facilidade umas no papel das outras, po-

dendo entender-se, apesar de ou com, suas diferenças.

Para conseguir que este processo ocorra, o terapeuta deve ter durante as sessões uma postura de neutralidade. Esta não se confunde com passividade, mas caracteriza-se pela compreensão da postura de cada um. Através da dramatização destas situações dirigidas pelo terapeuta, as pessoas entenderão, sem necessidade de intervenção direta do mesmo, até onde podem ou devem ir com os outros, para respeitá-los e não invadir os seus limites. Cria-se paulatinamente um clima de respeito e equidade (como diz Nagy), no qual a capacidade de conviver com diferenças vai nascendo do próprio grupo.

Considerações finais

Procuramos através de duas posturas terapêuticas diferentes – a de Nagy (1998) e a Sociodramática Sistêmica – exemplificar como o Terapeuta Familiar, apesar de ser crítico da ideologia familiar e trabalhar, portanto, com a mudança das idéias, mitos, crenças, pode fazê-lo sem impor seus valores ou dirigir a família para a solução que julgar melhor. Ao mesmo tempo, não precisa para isto, abrir mão de suas próprias posições e valores, nem se transformar em um observador neutro. Apenas através de técnicas de ação trabalha com a concretização da ética familiar, por meio de seus papéis, relações e valores.

Creio que este trabalho já foi mais difícil. As famílias vêm mudando sua estrutura através do tempo e, porque como fazem parte da sociedade onde estão inseridas, para sobreviverem na mesma, têm que ter flexibilidade e adaptar-se. É graças a esta flexibilidade que se mantêm como instituição, cumprindo suas funções básicas de geração, educação e proteção de seus membros.

Nas últimas décadas a família em represália à feição patriarcal que tinha anteriormente, procura reagir à repressão e à imposição injusta do dever e obediência para alguns, partindo para uma posição oposta de hedonismo e narcisismo de busca de prazer. A única responsabilidade é ser feliz. A felicidade substitui o mandamento moral. Existe uma apatia pelo amor, as emoções não duram. Vive-se o presente. Em represália à família, odiada pelas vivências autoritárias, a família moderna abdica do seu aspecto moralista em favor dos direitos e realizações pessoais.

Os filhos são cuidados até enquanto não incomodam.

Falando deste estado de coisas, diz Adorno (1978), o que impede a individualização não é só nem principalmente, a repressão familiar, mas sim a frieza e indiferença parental, tanto mais grave quanto mais desorganizada

e permeável à família se torna. É a falta de amor e limites que geram personalidades anti-sociais e, não fundamentalmente, a repressão.

Para Adorno (*in* Horkeimer, 1978), o papel da crítica ideológica que o terapeuta de família deve fazer, não é verificar se as teses da família são verdadeiras ou falsas, mas, sobretudo, discutir a que configurações psicológicas se destinam e o que desejam inculcar. Acredita o autor, que nem todas as ideologias são falsas e que existem valores como *justiça, verdade, etc.*, que só são falsos, quando já se pretende tê-los atingido. Acredita que ocorre ideologia (falsificadora) quando existem relações de poder, que não são intrinsecamente transparentes e quando se criam racionalizações que justifiquem as relações de dominação existentes. Quando a relação de poder se faz clara não existe falsa ideologia.

Depreendemos daí que a existência de uma hierarquia de gerações e de poder na família, necessariamente não significa uma relação ideológica, ainda que possa favorecê-la, tornando-se autoritária.

Antigamente, o terapeuta tinha que trabalhar com famílias repressoras, personalidades reprimidas e pais autoritários. Hoje, o problema mais frequente a ser trabalhado é o abandono psicológico e físico dos filhos pelos pais, a ausência de limites e amor na educação, a recuperação da hierarquia perdida dentro da família. A percepção do outro e de como a minha falta de limites pode atingi-lo.

Felizmente, como diz Toinbee (*in* Capra 1982), sempre aparece no caos personalidades criativas com novas propostas. A proposta que vem lentamente surgindo é a de uma *ética renovada*. Esta implica na procura social de limites justos, responsabilidades capazes de proteger os direitos de cada um. Não a obrigação fundamentalista de uma responsabilidade só pelo dever incondicional, mas a responsabilidade protetora que respeita as necessidades e o contexto de cada um.

Por exemplo, se um terapeuta de família se depara hoje com famílias monoparentais, por inseminação artificial com pai desconhecido e isto falar contra os seus princípios ele até pode declinar a sua posição, mas deverá ter uma atitude de aceitar e compreender essa mãe em seu contexto e fazê-la questionar-se sobre quais as conseqüências que daí poderiam advir para seus filhos, respeitando, porém, sua decisão.

Felizmente estamos em uma fase de transição que saiu de valores absolutos, para nenhum valor e que parece estar encontrando um ponto de equilíbrio, que nos levará certamente como pessoas e terapeutas, há dias menos violentos e, esperamos, mais amorosos.

Referências

- Bermudez, J. (1980). *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou.
- Capra, F. (1982). *O ponto de mutação - A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.
- Horkeimer, M. & Adorno, T. (1978). *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moreno, J. (1970). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Nagy, C. (1998). A terapia contextual. In Mony Elkaim (Org.). *Panorama das terapias familiares* (Vol. 1, p.101-117). São Paulo: Summus Editorial.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Seixas, M. (1992) *Sociodrama familiar sistêmico*. São Paulo: Aleph.

Endereço para correspondência

ritaseixas@uol.com.br

Recebido em 28/09/2005

Aceito em 16/10/2005